

“JE NE SUIS QU’UNE PAUVRE FEMME, MOI / J’AI ÉTÉ SERVANTE”: A REPRESENTAÇÃO DE MADAME CHRISTOPHE EM *LA TRAGÉDIE DU ROI CHRISTOPHE* DE AIMÉ CÉSAIRE

Christopher Rive St Vil¹

RESUMO

Em *La tragédie du roi Christophe* (1970), Aimé Césaire opõe dois mundos — o do *homo faber* e o do rebelde — no período pós-independência haitiana. Nessa peça, Madame Christophe, apesar de não ter um papel de protagonista, rompe com o silêncio e a assimilação cultural e racial imposta, possibilitando observar um jogo de busca e descoberta de autenticidade. Sendo assim, discute-se a representação de Madame Christophe e a maneira como ela questiona e se contrapõe ao Rei Christophe.

PALAVRAS-CHAVE: Madame Christophe; representação; *La tragédie du roi Christophe*.

“JE NE SUIS QU’UNE PAUVRE FEMME, MOI / J’AI ÉTÉ SERVANTE”: THE REPRESENTATION OF MADAME CHRISTOPHE IN *LA TRAGÉDIE DU ROI CHRISTOPHE* DE AIMÉ CÉSAIRE

ABSTRACT

In *La tragédie du roi Christophe* (1970), Aimé Césaire opposes two worlds - the *homo faber* and the rebel - in the post-independence period of Haiti. In this play, Madame Christophe, despite not having a protagonist role, breaks with the silence and the imposed cultural and racial assimilation, making it possible to observe a game of search and discovery of authenticity. Thus, this work discusses the representation of Madame Christophe and the way she questions and opposes King Christophe.

KEYWORDS: Madame Christophe; representation; *La tragédie du roi Christophe*.

“JE NE SUIS QU’UNE PAUVRE FEMME, MOI / J’AI ÉTÉ SERVANTE”: LA REPRESENTACIÓN DE MADAME CHRISTOPHE EN *LA TRAGÉDIE DU ROI CHRISTOPHE* DE AIMÉ CÉSAIRE

RESUMÉN

En *La tragédie du roi Christophe* (1970), Aimé Césaire contrapone dos mundos — el del *homo faber* y el del rebelde — en el período post-independencia haitiana. En esta obra, Madame Christophe, a pesar de no

¹ Prof. de Letras Francês (UEAP/GPLIC/NARRAFRO). Doutorando em Estudos de Literatura — Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos de Literatura — Literaturas Estrangeiras Modernas (UFF) E-mail: christopherrivestvil@gmail.com.

tener un papel protagonista, rompe el silencio y la asimilación cultural y racial impuesta, permitiendo observar un juego de búsqueda y descubrimiento de autenticidad. Por lo tanto, se discute la representación de Madame Christophe y la manera en que ella cuestiona y se contrapone al Rey Christophe.

PALABRAS CLAVE: Madame Christophe; representación; *La tragédie du roi Christophe*.

INTRODUÇÃO

Aimé Césaire declama seu amor por Haiti desde a publicação do poema em prosa *Cahier d'un retour au pays natal*, publicado pela primeira vez em 1939 e revisitado e reescrito até a versão final da editora *Présence Africaine*, em 1956. No início dos anos de 1930, essa fascinação se dava a partir dos estudos antropológicos e etnológicos, à convite do Dr. Mabilie, em 1944, o poeta e dramaturgo martinicano realizou o sonho de conhecer a sua pátria adotiva, na qual se hospedou por quase seis meses. Lendo o poema, conforme salienta Lilian Pestre de Almeida (2010), o leitor pode encontrar o lugar do Haiti (único país nomeado no poema) em duas sequências (nas estrofes 43 e 46), cuja aparição é de total relevância: “Haiti onde a negritude pôs-se de pé pela primeira vez e disse que acreditava na sua humanidade [...]”; e na evocação do herói histórico da revolução haitiana “[...] um homem só que desafia os gritos brancos da morte branca / TOUSSAINT, TOUSSAINT LOUVERTURE” (Césaire, 2021, p. 30-33).

Dezenove anos depois da sua única visita ao Haiti, Césaire lançou *La tragédie du roi Christophe* (1963). Ao reler o passado, ou melhor, o período da pós-independência do Haiti, Césaire busca questionar a consciência do sujeito negro que, recém liberto, opta pela assimilação cultural, apesar da busca de construção de uma identidade negra. Pensando a questão da representação, o autor nos leva a enxergar uma dualidade paradoxal, ora o personagem principal, Christophe, se perde no discurso cultural e político imposto pelo ocidente, ora reverbera uma identidade africana, envolvendo elementos visuais, culturais e espirituais a fim de demonstrar um sentimento de pertença nacional. Isto é, entre um jogo de alienação e um momento de aprendizagem, a peça césairiana parte do conflito entre dois polos (negro/mulato) no âmbito de um Estado independente em construção.

Olhando para os erros da pós-independência do Haiti, através da voz de Madame Christophe, Césaire salienta os perigos que ameaçavam o reinado de Christophe e destaca como a política podia cegar e afastar o sujeito de seus propósitos: uma identidade própria e um Estado forte. Não é surpreendente constatar, nessa peça, os conjuntos de imagens propostas, somadas com

os verbos ligados a construir ou criar (*faire, bâtir, construire*), que são incontornáveis, pois apontam para um espaço de ser, de dizer, de se espelhar e de transcender. Por suas escolhas imagéticas, cada personagem, de forma individual, tem um estilo próprio e distinto. Aqui, no caso de Madame Christophe, ela age de forma simples e cautelosa nas suas falas, porém, com um humor corrosivo e uma crítica ao antropoceno e acerca das questões raciais.

Dessa forma, pretendo discutir aqui a representação de Madame Christophe, personagem secundária, e a maneira como ela questiona e se contrapõe ao rei Christophe na peça césairiana. Isto é, como argumenta Frantz Fanon (2021, p. 31), é a oposição clássica entre as lutas de conquistas e as de liberdade, na qual se reencontra a significação do passado, descobre-se a subjetividade e afirma-se o desejo de viver, de existir, em perpétua renovação. Sendo uma das personalidades do reinado que permanece ao lado do rei Christophe, na sombra da solidão, com Hugonin, percebe-se que a luta de Madame Christophe se situa a um nível mais humano e reveste uma importância subjetiva incomparável.

Diante deste cenário, diferentes perguntas norteiam este trabalho: por que Madame Christophe não é chamada de rainha no momento em que Christophe é proclamado rei? É uma forma de invisibilizá-la e de mantê-la como subalterna ou uma forma de rejeitar a aculturação imposta? Qual é a posição de Madame Christophe, sendo racializada, porém observa que seu esposo tenta imitar o opressor e com isso procura desracializar-se? Descobrimo a inutilidade da alienação e da fase de desculturação, como Christophe encara sua realidade?

1 MADAME CHRISTOPHE: O MODO DE REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE

O que precisa ser questionado é o modo de representação de Madame Christophe. Quero discutir a relação do eu/outro, do rei/da Madame. Como explica Homi Bhabha (1998, p. 113), os sujeitos são sempre apresentados de forma desproporcional em oposição ou dominação através de descentramento simbólico de inúmeras relações de poder. Essas formas de representação podem ser vistas como deformações da linguagem, da singularidade, muitas vezes equivocadas. A partir desse ato de representar, vai designar, nomear, fixar e definir os sujeitos negros como outriedade. Na peça césairiana, a representação é um fetiche que dá acesso a uma identidade fundamentada na dominação e na assimilação, pois pode-se perceber que a cena do fetichismo se dá na fantasia primária de subjetificação do antigo discurso colonial.

Numa discussão pelo poder com o mulato “liberal”, Petion, Christophe acreditava que teria um poder ilusório. Como o Senado não lhe permitia fazer o que queria, seu poder foi reduzido por medo do antigo regime, posto em prática por Jean Jacques Dessalines, que assegurou a independência do Haiti pelas armas e governou o país com mão de ferro após ter ordenado um massacre dos brancos (Almeida, 1978). Com efeito, alguns cidadãos o aclamavam como rei, porém as autoridades viam a situação um absurdo, ou seja, expressando uma reação de incredulidade, pois, enquanto negro, Christophe não possuía nenhuma credibilidade: “Que história! Este rei, este reino, esta coroação, não dá para acreditar! [...] Não dá para acreditar. É fatigante. [...] Este rei negro, um conto de fadas, não é? Este reino negro, esta corte, uma perfeita réplica em preto daquilo que a velha Europa produziu de melhor em matéria de corte!” (Césaire, 2022, p. 43).

Essa estrutura de divisão articula o histórico e a fantasia como cena de desejo. Pode-se dizer que é uma estratégia discursiva, uma forma de identificação “que vacila entre o que está sempre ‘no lugar’, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” (Bhabha, 1998, p. 105). Com uma ironia corrosiva, Césaire busca ridicularizar o antigo poder absolutista, permitindo uma transgressão sem limites, muitas vezes através de representações cômicas ou críticas sutis. Constata-se esse modo de representação a partir da nomeação “dos novos nobres negros com títulos culinários (duques da Limonade, Marmelade, conde de Trou Bonbon) ou simplesmente alegres e grotescos (duques de Plaisance, de Dondon, condes de Sale-Trou, da Bande du Nord, marquês de Alvalasse)” (Figueiredo, 1998, p. 45).

A cena da fantasia funciona, assim, como uma normalização da diferença, da perturbação em termos de objetos fetiches e da invisibilidade das mulheres. Não é por acaso que, até a simbólica cerimônia de nomeação e coroação de Christophe, nenhuma mulher se faz presente. Sabe-se que, até o século XIX, a mulher negra não era considerada digna de possuir o título de mulher, ela era um bem material, uma coisa, um animal (hooks, 2020). Fundamentou-se o argumento de que a mulher negra não podia governar, lutar porque era fisicamente inferior ao homem. Compartilhando a mesma visão sexista de um homem branco, o homem negro passava também a discursar contra a ideia de igualdade para as mulheres, pois o lugar de mulher não era no palácio, na câmara, no tribunal.

A partir deste conflito de dualidade entre aculturação/desculturação, ausência/presença, hipocrisia/honestidade, trágico/cômico, mulato/negro, mulher/homem, na cena 3 do primeiro ato, Césaire coloca em cena o poder da masculinidade hegemônica. Durante a cerimônia de coroação,

o Mestre de Cerimônias chamava apenas os homens importantes e para ele “todo mundo está presente”, que podia trazer “o anel, a espada, o manto, a vara da justiça, o cetro”, seguindo o ensaio geral de cerimônia branco (Césaire, 2022, p. 47). Eis a crítica césairiana, parece que a masculinidade representa a única fonte de poder, que as mulheres não tinham lugar de fala e eram apagadas diante da supremacia masculina. Tendo em vista que a política é sempre vista como emblema da masculinidade, é proibido às mulheres. Conforme o modelo masculino patriarcal, o homem poderia ocupar o cargo mais amplo da economia, política e interações sociais, além do âmbito da família, enquanto a mulher era muitas vezes apagada na esfera social e limitava-se somente ao mundo doméstico da própria família.

Para desconstruir essa visão de masculinidade, Christophe interrompeu o Mestre de Cerimônias, asseverando que estavam faltando mulheres na cerimônia. Supostamente, as mulheres não estavam no palácio onde acontecia a coroação e nenhum lugar lhes era reservado. Disse Christophe:

Muito bom, muito bem! Mas estão faltando aqui as mulheres. Façam entrar essas damas e designem a cada uma delas seu devido lugar na cerimônia. (Entram as damas: negras bundudas e empetecadas). [...] Vamos lá, senhoras marquesas, senhoras duquesas, minhas caras cavaleiras. [...] Senhora da Seringa, Senhora da Grotinha, senhora do Berrante! Minha querida comadre! (Césaire, 2022, p. 47-48).

Essa reação de Christophe mostra a ideia de união, de igualdade, de equidade social da Proclamação da Independência haitiana. Essas mulheres são libertas dos seus nomes de escravidão: Bréda, Noé, Trême, Turpin, Clément, Flaville. Alternando o sério e o paródico, elas são nomeadas de: Senhora da Seringa, Senhora da Grotinha, Senhora do Berrante, Senhoras marquesas, Senhoras duquesas, Cavaleiras. Entre essas mulheres nomeadas por Christopher, pode-se notar que até sua esposa foi excluída da cerimônia. Se Christophe não tivesse feito o apelo a elas, elas não teriam assistido à cerimônia, uma vez que foram ignoradas, esquecidas, alvo de estereótipos fundados na cultura patriarcal que as marcaram como o “sexo frágil”, que não podiam frequentar o mesmo lugar dos homens. Essa tentativa de apagamento das mulheres negras haitianas enfatiza o período instável, de transição, que o estatuto delas confrontava: uma questão de mulheridade e um problema racial.

Nota-se, ainda nessa passagem, que o ato de renomear é relevante para entender essa natureza paralela, essa metonímia do antagonismo, e suas significações que dão sentido ao ato de identificação. Nomear não é uma novidade na vida do ser humano. Nomear é um ato de criação do

próprio ser humano, pois, enquanto ser humano, possuímos o *Nommo*, “aquela força vital que move toda a vida e age sobre as coisas e cuja forma é a palavra” (Jahn, 1961, p. 138 *apud* Figueiredo, 1998, p. 46). A renomeação dada às personagens césairianas implica diversos fatores: políticos, psicológicos, religiosos e identitários. Visto que, ao renomear, desconstroem-se as atribuições de sentidos e as intenções veiculadas ou escondidas no discurso colonial, que ainda se fazia presente após a Proclamação da Independência haitiana. O fato de chamar atenção do público com os nomes das mulheres negras (*négresses fessues et attifées*) revela que elas também podem se transformar e se desaculturar, como também expõe o que a sociedade recém liberta esconde de si mesma pelos resquícios da colonização e pela ação do racismo estrutural do qual a identidade nacional está impregnada.

Apesar do tom paródico, a denominação dessas mulheres negras é um ato de poder, ou seja, falar e ser ouvido durante a coroação é um ato de poder. Dizer “Senhora da Seringa, Senhora da Grotinha, Senhora do Berrante!” é denunciar, desconstruir, rejeitar, transformar. Dizer, nesse sentido, é revelar o outro na relação com o que se revela, é afirmar que não pertence mais a esse sistema ideológico, é afirmar quem somos e não aquilo inventado. Essa afirmação e a inclusão de Christophe são relevantes para o processo de tomada de consciência e para a asserção da identidade haitiana. Como Christophe declara, ao tornar-se rei, se antes roubavam os nossos nomes, nossos títulos de nobreza, nossa coroação, agora temos que ter orgulho da nossa renomeação, pois

[...] Trata-se de um pensamento elevado, meus senhores, e fico contente em ver que vocês o apreenderam em toda a sua plenitude. Em toda a sua grave profundidade! [...] Eu mesmo / seu rei / vocês conseguem sentir a dor de um homem que não sabe qual é o seu nome? O que invoca seu nome? Infelizmente, só mãe África sabe! [...] Nós, nossos nomes, já que não os podemos arrancar do passado, que os arranquemos do futuro! [...] de nomes de glória hei de cobrir seus nomes de escravos, / de nomes de orgulho nossos nomes de infâmia, / de nomes de redenção nossos nomes de órfãos! /é de um novo nascimento que se trata, senhores! (Césaire, 2022, p. 49-50).

Se voltarmos no tempo, antes da invasão de Christophe Colomb, em 1492, no antigo território dos Tainos, atualmente Haiti, encontram-se nomes de mulheres de suma importância. Várias mulheres estavam à frente de aldeias e até caciques, como Catalina e Anacaona. Mas as mulheres de Tainos começaram a faltar na colônia Hispaniola, é por isso que, desde 1509, negros e negras foram trazidos ao Haiti para serem escravizados e substituírem os povos originais. Já na revolução haitiana, iniciada em 1791, até a abolição de forma permanente e universal da escravidão, em 1804, os papéis das mulheres foram fundamentais. Conforme nota Madeleine Sylvain Bouchereau (1957), não podemos mencionar todas as heroínas da guerra de independência, pois

foram numerosas e muitas vezes permanecem anônimas. A história transmite-nos nomes como: Mme Pageot; Marie-Jeanne; Sanite Belair; Henriette St. Marc; Mme Paule Louverture; Catherine Flon; La folle Défilée.

Historicamente, como salienta Bouchereau (1957, p. 70-71), desde 1793, com 26 anos, Christophe era casado com Marie-Louise Coidavid, que tinha 15 anos na época. Tiveram quatro filhos: François Ferdinand, Françoise-Améthyste, Athénaïre e Jacques-Victor Henry. Marie-Louise tinha recebido uma educação familiar e era particularmente talentosa pela natureza e digna do título de rainha que a nação haitiana lhe concedia. Ela compartilhou os perigos e as aventuras da longa carreira de seu esposo. A história conta que Christophe cedia com ternura ao que podia fazer agradar à sua mulher. Assim, ela obteve o perdão de numerosos militares e civis culpados por violarem as ordens do rei. Para homenagear as mulheres que eram escravizadas e livres, que lutaram e morreram na luta pela liberdade e independência, Marie-Louise criou uma legião cerimonial de todas as mulheres soldados, conhecidas como as “Amazonas”, que se tornaram parte de sua comitiva como rainha.

Na peça césaírana, constata-se que se refere a ela apenas como Madame Christophe e é chamada de rainha uma vez pelo Mestre de Cerimônias, na comemoração da coroação, após a recusa de Pétion de tornar-se súdito da “Altíssima Majestade Christopheana”. Ela tem um papel secundário, apesar de ser a única que o rei respeita e escuta. O poder vem antes dela e parece que, com esse nome, ela está na sombra do rei. No primeiro ato da peça, ela foi mencionada parcialmente na cena da coroação e reapareceu na cena 7 para compor a tribuna ornamentada com as princesas e logo depois discutindo as más decisões do rei, as que podem arruiná-lo. Vimos que, depois da tomada de poder, Christophe jurava lutar contra todas as formas de exploração e de alienação do homem,

manter a integridade do território e a independência do reino, jamais permitir, sob nenhum pretexto, o retorno da escravidão, nem qualquer medida contrária à liberdade e ao exercício dos direitos civis e políticos do povo do Haiti, governar somente em vista do interesse, do bem-estar e da glória da grande família haitiana, da qual sou o chefe. (Césaire, 2022, p. 52).

E recusando novamente a exclusão da esposa na comemoração da coroação, de colocá-la numa tribuna, e asseverando uma identidade nacional, salienta Christophe:

Que curioso! Pois bem, se não a rainha, ao menos Madame Christophe está aqui, não sobre uma tribuna, mas junto de nós, ao nosso lado, o que é muito melhor. Pior para os costumes. Hoje, meu Escanção-Mor não verterá vinho, meu Escudeiro-Trinchante não trincarará

nada. [...] Creio, Senhor Mestre de Cerimônias, que é necessário elevar esse povo ao patamar da civilização (e creio que ninguém tenha feito mais nesse sentido do que eu), também é necessário deixar que o espírito nacional se expresse. E é por isso que estamos aqui bem à vontade, eu diria à haitiana, não no Salão de Tau, como disse, mas sob a varanda, ousado dizer, de nossa morada tropical e bebendo não champanhe, mas Barbancourt três estrelas, o melhor rum do Haiti. (Césaire, 2022, p. 64-65).

Nesse discurso christophiano, manifesta-se o desejo por uma origem, uma cultura, de deixar de ser assimilado, trocando champanhe por rum, tribuna por varanda. Como diria Bhabha (1998, p. 117), é esse desejo de uma originalidade que é de novo ameaçada pelas diferenças de raça, cor e cultura. Essa redescoberta, por meio do processo de ambivalência da representação, e “esta valorização absoluta de modalidade quase irreal, objetivamente indefensável”, revestem “uma importância subjetiva, incomparável” (Fanon, 2021, p. 30).

Trata-se de uma mímica grotesca ou uma duplicação que ameaça o próprio juramento de Christophe mencionado anteriormente. Ao receber a carta de seu nobre amigo Wilberforce, para cumprimentá-lo pelo aniversário da coroação, Christophe rejeita a ideia de tempo e união proposta pelo amigo, para construir a nova nação haitiana, pois não tem “tempo para esperar quando é justamente o tempo que nos espreme a garganta! Tratar do destino de um povo se referindo ao sol, à chuva, às estações, que ideia absurda” (Césaire, 2022, p. 69).

Ao constatar a mudança do comportamento do esposo, da pressa em implementar a sua política, de fazer com que a população trabalhe independentemente do tempo, da estação e do horário, Madame Christophe lhe lembra que ela também foi uma escravizada doméstica e forçava-a a trabalhar em condições desumanas.

Christophe! Eu mesma não passo de uma pobre mulher/ fui criada/ eu, a rainha, da Pousada da Coroa!/ Uma coroa sobre minha cabeça não fará que eu me torne/ mais do que a mulher comum,/ a boa negra que diz a seu marido *cuidado!*/ Christophe, quando se tenta colocar o teto de uma casa/ sobre outra casa/ ou ele despenca ou fica grande demais!/ Christophe, não exija em demasia dos homens/ nem de si mesmo, não em demasia!/ Além disso, sou mãe/ e, às vezes, quando o vejo obstinado sobre o cavalo de seu coração impetuoso/ o meu próprio coração/ estremece e digo a mim mesma:/ oxalá que um dia não se meça na infelicidade/ dos filhos a falta de medida do pai./ Nossos filhos, Christophe, pense em nossos filhos. / Meu Deus! Como terminará tudo isso? (Césaire, 2022, p. 69-70).

A partir da ótica de Madame Christophe, observa-se o medo de impor as mesmas condições desumanas, o medo dos erros do passado. Para ela, o que importa é o tempo. Não se deve exigir em demasia aos homens e instituir por força formas sociopolíticas e físicas duradouras de caos. Esse modelo de desenvolvimento como criação de um país novo à base de repressão e opressão pode levar Christophe à destruição dos valores culturais e das modalidades de existência. Isto é,

como consequência, pode-se fazer presente a *razzia*, a expropriação, o despojamento. Tendo a liberdade, a independência, pode-se fazer a construção do país (simbolizada pela construção da Cidadela) em paz, promovendo um ambiente onde haja segurança, justiça, diálogo, respeito mútuo e bem-estar para todos os cidadãos.

Para Madame Christophe, não se trata de ver o outro como um “sujeito” sem humanidade, como um objeto a ser explorado para reconstruir seu próprio país, negando-lhe a igualdade social, econômica e política, ao contrário, ela enxerga o outro como um indivíduo dotado de histórias, vivências e subjetividade, desumanizado durante os anos de escravidão. A prática de naturalizar a diferença e reduzir o outro pode ser entendida como a política racializada da representação, pois não se trata somente de representar as características essenciais, mas é negar a essência do sujeito, reduzi-lo aos significantes de suas diferenças. Em oposição, Christophe não se permite ouvir seus filantropos afirmarem que “todos os homens são homens e não existem brancos nem negros” (Césaire, 2022, p. 70). Para ele, todo mundo tem direito igual, porém,

existem aqueles que têm mais deveres que os outros. [...] E se quisermos voltar a subir, veja como se impõem a nós o pé que se escora, os músculos que se retesam, os dentes que se cerram. [...] Eis o porquê de exigir aos negros mais que aos outros: mais trabalho, mais fé, mais entusiasmo, um passo, mais um passo, outro passo ainda e aferram-se ao terreno ganho com cada passo! (Césaire, 2022, p. 70-71).

Entretanto, mesmo sendo rainha, Madame Christophe não quer se regozijar com esse *status quo*, não quer servir esse sistema de exploração, pois ameaçaria a liberdade conquistada. Pode-se dizer que ela não sucumbe à lavagem cerebral do esposo, ela recusa a idealização do poder proposta. Tudo que Madame Christophe precisa, ou melhor, a população requer

Um rei, que seja! Christophe, quer saber como é que, em minha cabecinha crespa, imagino um rei?/ Pois bem! É no meio da savana assolada pela fúria do sol, a folhagem cerrada e frondosa do grande cajazeiro, debaixo da qual se refugia o gado sedento de sombra./ Mas você? Você?/ Às vezes me pergunto se você não é na verdade/ no esforço de tudo alcançar/ de tudo controlar/ a grande figueira que domina toda a vegetação/ à sua volta/ e a sufoca! (Césaire, 2022, p. 71).

Constata-se que, na percepção de Madame Christophe, o rei se transforma. Ele não consegue mais enxergar seu abuso de poder. O rei não compreende mais as dinâmicas do racismo, das desigualdades e das opressões presentes na corte e na sociedade. Madame Christophe está consciente demais dos perigos do poder do rei e do fetichismo de identidades, fazendo entender a (quase) impossibilidade do esposo de atingir uma condição de ser para si. Ao compará-lo com a grande figueira que domina tudo que está ao seu redor, ela observa a cegueira do esposo. É como

se houvesse uma venda sobre os olhos de Christophe, impedindo-o de ver suas limitações enquanto rei, de entender o retorno à exploração das pessoas e de seus desdobramentos.

Além disso, com a ambição de transformar o Haiti em uma nação poderosa, estável e independente, Christophe coloca em ação seu plano de poder, iniciando a construção da Cidadela. Essa fortaleza representa o Estado com que o rei tanto sonha, “que se vislumbra no futuro, que se constrói sob a chuva torrencial e contra os raios do céu em fúria [...]” (Almeida, 1978, p. 67). No entanto, como já destacava Madame Christophe, a construção da Cidadela se tornou um pesadelo na vida do povo haitiano, mesmo simbolizando a resistência contra o retorno dos colonizadores. Isso porque Christophe não tinha nenhuma piedade para realizar seu sonho. Com essa fortaleza, seu reinado assumiu um poder autoritário, obrigando tanto mulheres como crianças a trabalhar em condições aterrorizantes, mesmo que na cabeça dele se referisse apenas a um patrimônio de energia e de orgulho. Com efeito, para Christophe

[...] Este povo precisa se desdobrar, almejar, conquistar algo impossível! Contra a Sorte, contra a História, contra a Natureza, ah! ah! o insólito atentado de nossas mãos nuas! Transposto por nossas mãos dilaceradas, o desafio insensato! Sobre essa montanha, a prodigiosa pedra angular, a fundação firme, o bloco inabalado! Não sei se assédio ao céu ou custódia do sol, a primeira investida na manhã da rendição! [...] uma cidadela! Não um palácio. Não um castelo fortificado para proteger meu herdeiro. Digo a Cidadela, a liberdade de todo um povo. Erguida pelo povo inteiro, homens, mulheres, crianças e velhos, erguida pelo povo inteiro. [...] é uma cidade, uma fortaleza, um imenso encouraçado de pedra... [...] Aqui está ele! Levante-se! Vele! [...] Ele se acende no meio da noite. Vitória sobre o negrume! A formidável cavalgada! [...] eu, nós, os naufragos da grande onda, com espuma e sangue nas narinas, eu vi enigmática proa rasgar o vagalhão da vergonha. Que meu povo, meu povo negro, / saúde a maresia que anuncia o futuro. (Césaire 2022, p. 73-74).

O trabalhador negro, no olhar de Christophe, assume o status subordinado e a preguiça inata. Por sua obsessão, ele não consegue mais distinguir um trabalhador de um escravizado. O povo se revoltou e os seus aliados (os generais Romain, Guerrier e Richard) o traíram para se juntar ao presidente Boyer, que deu golpe em Pétiön em Port-au-Prince e surgiu como sucessor do rei. Para além dessa traição, percebe-se que os espíritos (Herzulie Freda, Zeïde Baderre Codonozome, São Dessalines, São Toussaint) o puniram. Discutindo, com o padre Juan De Dios Gonzales, no qual ambos afirmavam sua religiosidade, ora defendia as peculiaridades do vodu, ora outro contestou asseverando a importância da Igreja Católica Romana e seus deuses, Christophe desabou no chão (St Vil, 2025, p. 23).

Deitado na Câmara da sacristia em Limonade, novamente se faz presente a figura de Madame Christophe. Somente ela e Hugonin permaneceram ao lado do rei. Diante da queda do

esposo, ela foi evocada para lhe relatar que Christophe sobreviveria e ficaria paralítico pelo resto da vida. O leitor soube da presença dela na cena 3 do terceiro ato porque o Médico a convocou. Por trás dessa convocação, fazem-se presentes os estereótipos atribuídos às mulheres, as ambivalências traumáticas das mulheres, a subjugação das mulheres, isto é, só se faz presente para cuidar do rei, assumindo papéis subordinados. Pode-se dizer que ela é vítima de morte social, ou seja, por não lhe ceder voz, parece que ela não existiu e, a todo custo, tentou invalidar a sua participação na corte do rei.

No final da peça césairiana, Madame Christophe é representada como o elo que interliga Christophe com as matrizes africanas. Intercalando sua voz com a do rei, parece-nos que ela está se lamentando pelos erros do esposo. Ela canta implorando e evocando os espíritos para protegê-lo, utilizando rituais dos ancestrais e abordagens holísticas. Pode-se dizer que ela assume uma figura de curandeira. Na canção, Madame Christophe se condói e se lastima pelo rei que agoniza, entrevedo uma possibilidade derradeira de libertação (Césaire, 2022, p. 143-144). O que se pode constatar, mesmo levando Christophe ao retorno às ancestralidades, para que ele possa assumir a cultura despejada – “África, lugar de minhas forças” – e seu nome verdadeiro – “Papa Sosih Baderre” –, o estado do rei só piora e tudo que lhe resta é a morte.

Na cerimônia de despedida do rei, Madame Christophe contesta a postura dos dirigentes do país que fingiam ver na obsessão de uma identidade própria e do modelo de poder christophiano, através da construção da Cidadela, uma espécie de autocomplacência aniquiladora. Sendo enterrado em pé e seu corpo voltado para o sul, Madame Christophe destaca a bravura do rei até seu último dia e seu combate arduamente contra a aculturação. Pode-se constatar na voz dela a ingratidão demonstrada pelos aliados e as dificuldades enfrentadas pelo esposo após a independência. Assevera ela:

E este país lhe terá recusado até mesmo o travesseiro de baba de sapo!/ E seu país lhe terá negado até mesmo a cova de lama do escaravelho/ Homem que expandiu fronteiras/ Homem que forjou astros/ duro abraço caloroso/ grande coração dedicado, já arrefecido na distância/ desfaça-se de seu orgulho de pedra/ para sonhar com uma velhinha que, mancando por entre poeira e chuvas rumo ao dia alquebrado, até o fim da jornada,/ recolherá do chão as migalhas do seu nome. (Césaire, 2022, p. 157).

Assim, a partir dessas reflexões sobre a representação de Madame Christophe, na peça césairiana, quis fornecer uma leitura sobre a “quase ausência” dela, mostrando como ela se opõe e rechaça o sistema estabelecido pelo rei, reconhecendo nitidamente sua trajetória desde a época da colonização – “uma pobre mulher que era uma criada” –, até a coroação do esposo – tornando-se

“rainha”. Na ótica de Madame Christophe, pude problematizar a concepção de poder que está idealizada em relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais. Pode-se afirmar que, através da representação dela, Césaire pinta como num país pós-colonial ainda se fazem presentes os resquícios do sistema colonial. O sujeito está preso a uma alienação contínua e, para reverter a situação, precisa voltar a encontrar as suas posições originais, ou seja, “uma sobrevalorização que se assemelha psicologicamente ao desejo de se fazer perdoar” (Fanon, 2021, p. 26).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lilian Pestre de. **Aimé Césaire: une saison en Haïti**. Montréal: Mémoire d’Encrier, 2010.
- ALMEIDA, Lilian Pestre de. **O Teatro Negro de Aimé Césaire**. Niterói: UFF/CEUFF, 1978.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOUCHEREAU, Madeleine Sylvain. **Haïti et ses femmes - une étude d’évolution culturelle**. Port-au-Prince: Les Presses Libres, 1957.
- CÉSAIRE, Aimé. **Cahier d’un Retour au pays natal, Diário de um Retorno ao País Natal**. Tradução de Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.
- CÉSAIRE, Aimé. **Textos escolhidos: a tragédia do rei Christophe; discurso sobre o colonialismo; discurso sobre a negritude**. José Fernando Peixoto de Azevedo (org.). Tradução Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- CÉSAIRE, Aimé. **La tragédie du roi Christophe**. Paris, Dakar: Présence Africaine, 1970 [1963].
- FANON, Frantz. **Racismo e cultura**. Brasil: Editora Terra sem Amos, 2021.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana**. Niterói: EDUFF, 1998.
- hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Tradução Bhuvi Libanio. -5a ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- ST VIL, Christopher Rive. **Corpo e voz — leitura dramática no ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE): uma proposta de leitura de *La tragédie du roi Christophe* (1970) de Aimé Césaire**. 2025. 32f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, 2025.

Data de submissão: 11/11/2025

Data de aprovação: 15/12/2025